

29 novembro 1912

Meus queridos Pais

É a primeira carta de Paris. Não imaginem que vou descrever-o, simplesmente vou tentar dizer o que tenho sentido. Estou enfim em Paris, neste Paris que todos fallam, que todos desejam, que todos adoram, ele parece-me merecedor disso mas eu ainda não o adoro. A beleza a grandeza dos seus edificios, boulevards e praças eu tenho-a sentido, mas também me fazem sentir energicamente a lucta pela vida que é necessário manter num meio d'estes e esta pergunta vem-me constantemente ao cérebro: vale a pena luctar? Gozar e soffrer esta vida? Não é preferível a vida simples num canto da província tendo o amor da família? Não se goza tanto, mas também não se soffre. Custa muito chegar a um meio desconhecido, ver-se rodeado de pessoas estranhas que se não interessam, não se importam connosco. Não ouvir de ninguém uma palavra doce, não ter um gesto, um olhar que conforte, ninguém que nos faça lembrar os mimos da nossa mamã, da nossa família. Oh! Como tenho saudades dos abraços e beijos da Beatriz e do Mário que aí me aborreciam e que neste Paris grande me seriam tão queridos. Tenho saudades de tudo e todos.

Custa e é-me muito duro enquanto não me habituar, não crear raízes; por momentos quasi que sinto desejo de deixar tudo e viver simplesmente ao pé dos meus. Felizmente que não dura muito esta ideia dos pais, vêm outras menos sombrias. Vem a esperança que no fim de um mês estarei habituado, amarei mesmo Paris. Tanta coisa de arte, tanta coisa bela fazem-me pensar: para que sirvo eu? Que bem faço eu à humanidade? Para que lhe servem os meus esforços, são o mesmo que uma gota de água no Oceano. Isto desanima-me um pouco e é necessário uma grande

vontade do meu eu optimista para que sempre me grite: mas luta! mas trabalha! é o teu dever e onde achares a grande beleza da vida. Não se afflijam com estas linhas de tristeza porque é verdade o que sinto, mas é só por momentos. Na maior parte do tempo há uma certa inconsciência produzida pelo atordoamento de todas estas coisas que me rodeiam. Tão diversas do que eu até aqui vi. Eu quando ia para Lisboa sentia sempre a separação, não é de admirar que em Paris também sinta, onde não tenho ninguém verdadeiramente amigo. Além disso são os primeiros dias seria extraordinário se não estranhasse.

Na última carta não fallei da minha chegada a Marseille, agora com vagar é que vou dizer alguma coisa.

Na madrugada de 20 o vapor parou defronte de Marseille e, assim que apareceu o sol, acostou a um caes, de modo que não podemos ver a cidade do mar. Eu ia por os pés em terra francesa pela primeira vez, pensava: será esta terra boa para mim, ou ser-me-há ingrata? Ao mesmo tempo no caes apareciam empregados, homens de cargação, cocheiros, algumas mulheres, umas em cabelo, outras em chapéu, e toda esta gente me causava um certo prazer quasi semelhante ao que se tem quando se vêem pessoas conhecidas num meio estranho. É que todos estes typos eu os conhecia por leitura, sentia-lhes a sua vida, sabia-lhes as suas ambições, adivinhava-lhes os pensamentos.

Passadas uma ou duas horas eu e Domingos d'Azevedo que me fez uma magnífica companhia, rodamos pelos caes numa victoria carregada de malas. Fomos à gare deixar as malas e tomar bilhetes, depois livres de todas as trapalhadas, começámos a ver a cidade, boas casas, boas ruas e um lindo dia. Perguntámos onde era o museu e para lá nos encaminhamos aparecendo-nos de repente em toda a sua beleza. É um rico e belo edificio, admiravelmente proporcionado, onde se arranjam numa extraordinária harmonia todos os elementos. Entrámos, eu fui mirando todos os detalhes, o Rebello mais apressado. Em baixo encontra-se uma sala de escultura e duas de pintura. A de escultura bastante grande tem alguns belos trabalhos, o

primeiro é um de Rodin chamado *Voz interior* que se destaca dos outros por qualquer coisa de imaterial que nela vibra. A forma não é nada perfeita mas talvez seja essa mesma imperfeição de forma que genialmente modelada lhe dá a vida superior, sobrenatural. Tem outros trabalhos também bastante belos, entre eles uma rapariga oriental e alguns assuntos académicos como o *Cego e o paráltico*, etc. etc.

Destaca-se nas salas de pintura um bom artista, Puget, do século passado<sup>1</sup> que não só tem magníficos óleos como também desenhos muito bem interpretados e boas esculturas. Nas salas de cima têm muitos quadros e alguns modernos, os que me interessaram mais foram um de Millet e um outro de assunto histórico que não sei o nome, nem de quem. Saímos daqui e fomos almoçar, continuando depois em busca das coisas mais curiosas, subimos a Notre-Dame de la Garde que tem uma vista soberba de toda a cidade e porto, entramos na igreja que é moderna, estilo romano e bizantino, todas as paredes e tectos são forrados de um lindíssimo mosaico havendo um grande número de lápides em mármore até certa altura. D'aqui descemos para ir à catedral que é no mesmo estilo maior e tudo uns mosaicos.

Acabámos o dia dando um agradável e esplêndido passeio chamado de la Corniche, em que se atravessa grande parte da cidade e em seguida extensas Avenidas onde casas pequenas immensamente confortáveis com os seus jardins nos aparecem por muito tempo. Por fim chega-se à beira mar mas tão junto que certamente ali ele nunca se zanga, porque apenas tem um pequeno muro como o do tio José na Lagoa que o separa da Avenida. Escanchado no muro estava com um pé em terra outro no mar. Quando aqui chegámos ao mesmo tempo que o sol se apagava, dando tons alaranjados ao céu milhares de luzes eléctricas se acendiam pelas encostas vizinhas e nas Avenidas sendo de um efeito extraordinariamente belo os tons sombrios do fim do dia com a iluminação espalhando-se na costa accidentada. Foi um belo fim do dia, seguiu-se jantar, comboio, dormir mal, etc. etc. De manhã pude ver o resto da parte da França que atravessámos, é curiosa tem mesmo muito carácter riachos campos, villagens, mas torna-se monótono por se repetir muito.

---

1

Cheguei a Paris muito mal disposto, vim para a Pensão de Família mas como não tinha quarto, dormi fora duas noites e imediatamente tomei um banho almocei e dormi, saindo em seguida, mas o meu organismo estava tão abalado que chorei em frente das estátuas da entrada, elas são muito belas e têm tanto sentimento que é natural. Saí e vagueei pelos caes, Avenida da Ópera e Boulevard S. Michel, mas não guardo muito boas recordações de este dia, a minha sensibilidade estava muito sensível, impressionando-me tudo, fazendo-me ter uma saudade atroz dos meus, da minha mamã, do meu pai, do Mário, da Beatriz de tudo e de todos.

Passou-se, os dias têm corrido, já estou aqui há 10, um dia depois de ter chegado fui procurar o escultor a quem a Mayer me recomendou mas não o encontrei já não mora na mesma casa. Perguntei, nada me souberam dizer fui a Mme Oulman Bensaúde que me recebeu com uma extrêma gentileza mas não conhece nenhum escultor com bastante intimidade. O filho conhece um russo que só vem no fim de Dezembro e uma escultora a quem disse que me havia de apresentar mas não combinou mais nada e eu não quero insistir quando ele quiser que me apresente. Eles têm uma magnífica casa, não é um palácio, é um terceiro andar mas muito confortável, arranjado com muito gosto e são de uma amabilidade tão grande que se fica encantado de tanta meiguice, de tanta gentileza. Eles receberam-me não como um estranho mas como uma pessoa da família com arte tão grande que esqueci quasi que estava em Paris entre estranhos. No domingo 25 fui lá almoçar e tenho convite para, sempre que me sinto triste, ir lá jantar ou almoçar ou à noite. Irei algumas vezes mas não serei maçador. É um bom conhecimento, uma família tão meiga. Depois do almoço no domingo Mr Oulman teve a bondade de me acompanhar ao Louvre, eu vi as tão belas estátuas da Grécia mas mal, porque Mr Oulman esteve doente dos olhos e incomodava-o demorar-se muito tempo a olhal-as. Saímos e com uma paciência incomparável ele foi dizendo-me a história do Louvre e edifícios que víamos. Atravessámos a praça da Concórdia que me surpreendeu, é extraordinariamente bela e grandiosa, não a julgava tão imponente e subimos até ao Petit Palais onde ele seguiu para casa eu descí, sentindo-me só entre a multidão.

Na segunda-feira matriculei-me na Grande-Chaumière, nesta academia o professor de escultura é Bourdelle, homem de bastante valor principiei logo a trabalhar. Quando entrei no atelier estava só um rapaz e uma senhora de uns 50 anos; o empregado deu-me barro e o necessário para trabalhar e foi-se; fiquei com o modelo na minha frente e entre dois estranhos, senti um certo desânimo mas uma hora depois o trabalho entusiasmou-me, o atelier foi-se enchendo, rapazes, raparigas de todas as idades, de todos os países, uns vivos, outros tímidos, uns excêntricos, outros modestos. Impressionaram-me três raparigas: uma russa, baixa, loira, de olhar muito vivo, e sentindo em toda ela o carácter independente, outra norueguesa, alta e loira, de boas feições, penteado excêntrico, e também uma certa altivez e independência, e a terceira francesa, esguia, muito elegante, um tipo extremamente distinto e nobre de olhar e cabelo escuro, cor pálida, um aristocrático nariz e maneiras muito correctas e simples. São três raparigas que me despertaram o interesse, mas ainda as conheço muito pouco; a norueguesa pediu-me para me fazer o meu busto, terei ocasião de a conhecer. Não estou muito descontente com o meu primeiro trabalho académico, Bourdelle disse que não estava mau e achou muito curiosas as fotografias dos meus trabalhos; os rapazes, meus companheiros do atelier dizem que devo expôr no Palais de Glace na Primavera, talvez tente, com o tempo verei.

O Domingos Rebello apresentou-me a rapazes portugueses que aqui estão; fui um dia destes ao seu atelier, passado um bocado entrou uma rapariga pintora que vinha para ele a desenhar, rapariga espirituosa e inteligente. Depois saímos e eles levaram-me para casa de uma outra que é escultora e pintora. Tem um magnífico atelier e vive só, lá tomamos o five o'clock tea; passados momentos entraram pintores, escultores, raparigas, falando todos em uma intimidade agradável sem haver a menor parcela de cerimónia. Todos à vontade. Todos rindo, todos brincando e eu achava interessante ver-me num meio destes em que uma rapariga solteira recebe quem quer em sua casa e muito naturalmente entra um estrangeiro pela primeira vez. Lá fazendo conhecimento com um pintor português de origem inglesa, Smith, e com a mulher francesa, escultora, imediatamente fui convidado para as quartas-feiras, dias a que recebem. Enfim toda esta liberdade, toda esta facilidade de conhecimentos

agradou-me e interessou-me por ser um meio que não conhecia, bem diverso do de Lisboa. Embora seja um meio de artistas, não me pareceu ser muito elevado o nível intelectual. Certamente que todos eles têm um intelecto cultivado, fallam sobre milhares de coisas mas fizeram-me notar que o género humano tem uma grande tendência em fallar do seu vizinho, o assunto que a todos interessou e falou principalmente foi dos amigos criticando-os mais ou menos.

Isto fez-me apreciar e ser menos severo com o espírito da província. Se em Paris, entre artistas, é verdade habilmente mascarada, se encontrava essa tendência, é porque todo o ser humano em geral necessita fallar do seu semelhante. Eu julgava que entre artistas falassem de arte, literatura, ciência filosofia questões sociais, etc. etc., e não se ocupassem quasi somente de uns e outros. Foi bom ter observado isto porque me aperfeiçoei um pouco, sendo mais indulgente. Certamente que há meios artísticos elevados onde o espírito humano não se preocupará a criticar o seu semelhante mas parece-me que a regra geral é o que eu observei. Pode ser que eu me engane e visse somente esta sociedade num dos seus aspectos que depois de um bom conhecimento lhe descubra qualidades que façam esquecer esta pequena falha que, aliás, é muito humana.

Quando o major Coelho me mandar a carta para o Chagas eu hei-de ir pedir-lhe que me recomende a algum escultor ou professor da escola porque me disseram que~, com uma recomendação de um bom artista, talvez pudesse frequentar na escola escultura, desenho, anatomia e história de Arte, cadeiras que são necessárias para o concurso. Isto convinha-me muito porque não gastava 60 e ia conhecendo os artistas, professores: por ora pouco posso fazer. A tia Carmo mandou-me uma carta de recomendação para o Lambertini que está na legação mas eu não me utiliso dela senão no caso de não ter a do major Coelho. A tia diz que qualquer dia manda as do cantor Andrade que está fora de Lisboa a onde volta em breve.

Das 9 libras, que me deram uns 225 francos, tive as seguintes despesas:

gorgetas a bordo	30 fr
carro para a gare	6

passagem e gorjetas na gare	70
comida em Marselha	6
postaes, gorjetas, eléctricos e mais um canivete	8
Automóvel em Paris	6
Impermeável	49
	175

Os 50 francos que faltam para os 225 gastei em pequenas coisas.

Eu preciso que me mandem 300 francos todos os meses, tirando o excesso do meu dinheiro, porque a academia custa 60 francos por mês, o que eu não julgava. Além disso, casa e comida 150 a 160, para a roupa 20, de modo que o que cresce dos 250 é muito pouco, impossível dar para os milhares de pequenas coisas que aparecem. Tirem do meu dinheiro o excesso que vai da minha mesada até aos 300 francos e para o ano eu ganharei outra vez. Eu gostava de guardar, mas há despesas que quem vive de uma certa forma não pode deixar de ter.

Não deixem de mandar na volta do pacote, quer dizer a 17 de Dezembro, a mesada porque se me não mandarem eu fico sem um real. Aqui é necessário pagar tudo além disso não conheço ninguém a quem possa pedir como em Lisboa. Será bom mandarem as cartas e dinheiro ao cuidado do Domingos Rebello porque não sei se no fim do mês continuo aqui ou me mudo para um quarto, indo comer fora. As senhoras aqui são muito amáveis e parecem boas eu não lhes disse nada porque talvez fique, se sair digo-lhes que vou viver com um amigo meu. As razões que me fazem sair são ter três andares a subir e talvez meterem o primeiro almoço como extraordinário. Ainda não falei com elas a esse respeito; quando cheguei disseram-me que era 165 francos por mês mas são capazes de meterem em excesso, pois eu como fruta e uma grande taça de leite. Ao segundo almoço elas dão dois pratos e um legume, queijo e fruta; a jantar sopa, dois pratos acompanhados, um de um legume, outro de salada, queijo e doce, ou fruta, não é mau e são abundantes. A família compõe-se de mãe viúva e duas filhas e 10 ou 12 hóspedes polacos, russos, suíços, franceses. O meu quarto tem talvez 4 de comprimento e perto de 3 de largo é isto mais ou menos [desenho]

1 cama, 2 caixilhos, 3 uma bela chaise longa, 4 armário com grande espelho, 5 cadeira, 6 mesa de escrever, 7 lavatório no vão de uma porta, 8 fogão de parede mármore com grande espelho, 9 cómoda espécie de chiffonnier tendo em cima uma étagère. O quarto é encerado, tem boas cortinas, a cama é mole, com dois belos edredons, etc. etc. O meu quarto é ao pé da sala de jantar.

Recebi a carta da mãe que muita alegria me deu, domingo que vem, 8, dia em que recebem naturalmente esta carta, hei-de aproveitar para visitar o Louvre. Vou seguir algumas conferências na Sorbonne estive numa conferência que o Bourdelle (professor) deu sobre o patriotismo Grego, foi interessante.

Um grande abraço deste seu filho que os ama muito

Ernesto do Canto

Um abraço também no Almeida e na Rita e que não se porque eu estou bem e hei-de depressa habituar-me.

Eu gostava de saber os vapores franceses quando partem de Lisboa, para escrever.

Paris tem sido muito gentil para comigo, dias lindos, só choveu dois dias, o resto sol como na Primavera e sem muito frio. A 31 de Dezembro mandem-me dinheiro para um casaco de agasalho, porque o frio deve apertar, vinte ou 23 mil reis dá um casaco forte.

Mando postais de Marseille que me hão de guardar. Vão todos juntos como impressos.

(Vou assinar L'Art décoratif Não assines porque eu mando todos os meses os volumes que vou lendo.)